

Parte 1 - Mediação & midiatização: conexões epistemológicas

Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiatização?

Gislene Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, G. Pode o conceito reformulado de bios midiático conciliar mediações e midiatização? In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. *Mediação & midiatização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 108-122. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Pode o conceito reformulado de *bios midiático* conciliar mediações e midiatização?

GISLENE SILVA

Na ementa convocatória deste livro pergunta-se pelas diferenças, articulações e tensionamentos entre mediação e midiatização e quais os limites e potencialidades desses dois conceitos para pensar a realidade comunicacional contemporânea. Nesta reflexão proponho expor certa inquietação por perceber muito mais proximidade do que distanciamento entre tais conceitos, diferentemente do modo como eles vêm sendo operados entre nós, quase sempre em contraposição ou radicalmente separados. No trajeto, percorro a resposta a uma pergunta particular: pode o conceito reformulado de *bios midiático* conjugar as noções de mediações, midiatização e ainda de interação comunicacional?

Tais como as várias acepções de mediação propostas por Martín-Barbero, e por ele mesmo expostas em contínuos rearranjos, são diversos os empregos da ideia de mediações nos estudos de Comunicação no Brasil. O autor tem sido reconhecido pela contribuição inaugural que sacudiu o campo da Comunicação na América Latina ao fazer o deslocamento dos meios às mediações, provocando uma virada na abordagem mais comum que investiga o processo comunicacional a partir da centralidade dos meios massivos, do universo da emissão, podemos dizer. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes tempo-

ralidades e para a pluralidade de matrizes culturais”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258) A perspectiva privilegiária, então, os sujeitos e não mais as instituições midiáticas e suas tecnologias. Juntamente deslocariam-se as questões da política e da cultura para o lugar de onde se olharia a integralidade do processo de comunicação, “desde o receptor”. Veio daí o auxílio para problematizar a área de estudos da recepção, apontando para “a necessidade de modelos interpretativos das práticas sociais de comunicação mediatizada, de forma mais abrangente” (SOUSA, 2006, p. 17), para se trabalhar a recepção no ambiente das relações sociais e culturais mediadoras da comunicação, tomada como processo social e como atividade complexa de interpretação e produção de sentido. (SOUSA, 2006, p. 19) Ou seja, numa dimensão que envolveria mais as mediações sociais e culturais do processo comunicacional do que as conexões de exposição e resposta às diferentes mídias.

Martín-Barbero (1997) apontou para conjuntos de mediações. Primeiramente, cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural. Em 2002, quando lançou *Ofício de cartógrafo*, buscando traçar um novo mapa, dispôs as mediações em dois eixos: um diacrônico, tensionado entre matrizes culturais e formatos industriais, e outro sincrônico, tensionado pelas lógicas de produção e competências de recepção e consumo. Movimentando as relações entre esses eixos estariam posicionadas quatro mediações, nomeadas tanto como regimes quanto como mediações comunicativas da cultura: institucionalidade, tecnicidade, ritualidade e socialidade.¹ A delimitação conceitual de mediação para Martín-Barbero, como bem demonstrou Signates (2006), continua pouco visível, sugerindo mediações de naturezas diferentes, entendidas e incorporadas nas pesquisas ora como categoria teórica, prática vinculatória, local geográfico, instituição, ora como discursividade, entre outras.

1 Edição brasileira ano 2004.

A proposta de Orozco Gómez (1991) organiza as mediações de outro modo. Para fugir das polaridades, sugere mediações múltiplas, que viriam de múltiplas fontes também. Sistematiza as mediações em quatro grupos: individual, situacional, institucional e videotecnológica ou massmediática. Porém, complexificando o modelo, elenca diferentes fontes de mediações: cultura, política, economia, classe social, gênero, idade, etnicidade, os meios, as condições situacionais e contextuais, as instituições e os movimentos sociais. Novos conjuntos de mediações, portanto.

As críticas que têm sido feitas especialmente à teoria das mediações de Martín-Barbero, e às suas apropriações em estudos brasileiros, diz respeito à centralidade dada à cultura e não à comunicação. Aponta Signates (2006, p. 75):

O valor epistêmico do olhar sobre as mediações culturais parece repetir esse talvez insuperável deslocamento, que torna a comunicação um objeto oblíquo. [...] a perspectiva das mediações desloca o olhar da comunicação para os sentidos que a transcendem, vinculados à cultura e suas matrizes de significação complexa e múltipla.

Martín-Barbero, é verdade, tem o mérito de ver a comunicação como processo (como mediação, afinal), mas é econômico sobre a natureza desse processo. No final, nos oferece uma sociologia atenta aos fenômenos contemporâneos, onde o conceito de mediação aponta para a insidiosa penetração de significações não previstas nos produtos culturais, um movimento concomitante e inexpugnável à própria circulação de signos na cultura. [...] Não é, de todo modo, uma análise voltada aos fenômenos da comunicação. [...] Um ponto de vista comunicacional pedirá às mediações uma arquitetura conceitual mais robusta. (BASTOS, 2008, p. 88)

Ao dizer do risco em ultrapassar as fronteiras facilmente demarcadas do território “meios de comunicação”, Braga (2011, p. 67) trata daquilo que entende como confusão entre comunicação e cultura.

Um exemplo dessa imersão do comunicacional no cultural são alguns trabalhos em torno das mediações, a partir de J.M. Barbero. Ao passar dos meios às mediações, às vezes o que parece haver de propriamente comunicacional nas relações dos usuários com a mídia parece se diluir no ‘cultural’.

Na crítica que Marcondes Filho faz aos impasses de uma teoria da comunicação latino-americana, ele diz sobre Martín-Barbero, que considera como, talvez, o pensador latino mais lido e citado na área de comunicações do Brasil:

Em sua *teoria das mediações* fica claro como ele desprende o processo comunicacional da investigação de seu processamento próprio para transferir para o campo social maior – já, portanto, no espaço da sociologia – o modo de realização, os efeitos ou impactos comunicacionais. Esses estudos são necessários, importantes e originais em certa medida, mas já não são mais específicos da área da comunicação. Comunicação aí não passa de um exemplo, se bem que significativo, das interações sociais. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 69)

[...] pela mediação, diz Martín-Barbero, pode-se recolocar o problema da cultura, quer dizer, ‘o modo como trabalha a hegemonia e as resistências que mobiliza’. Vê-se, assim, que a comunicação é apenas um alibi dentro de um discurso que, em sua intencionalidade, é de natureza genuinamente política. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 71)

Porém, o próprio Martín-Barbero explica, em entrevista, sua necessidade de virar-se mais em direção ao campo comunicacional, quando migrou das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura; como se destacasse a distinção entre matrizes culturais e mediações comunicativas. Transcrevo:

Inverto meu primeiro mapa e proponho as ‘mediações comunicativas da cultura’, que são: a ‘tecnicidade’; a ‘institucionalidade’ crescente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos, instituições de peso econômico, político, cultural;

a 'socialidade' – como o laço social está se transformando para os jovens, como as relações entre pais e filhos, e entre casais, estão mudando. [...] tinha que fazer uma mudança que não era ir das mediações aos meios, mas perceber que a comunicação se adensava diante da nova tecnicidade, era a 'institucionalidade' da tecnicidade. Pode-se continuar falando 'das mediações dos meios', mas 'mediação' para mim sempre foi outra coisa que tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo. Prefiro falar, então, de 'mediações comunicativas da cultura', e quando digo da cultura não falo somente de seus produtos, mas digo da sociedade, da política. [...] A mudança foi esta: reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação. (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 151, 153)

A mudança se deu, portanto, por razões de amplitude além das críticas. Ao participar do reconhecimento da contribuição do percurso intelectual de Martín-Barbero para o pensamento comunicacional latino-americano, Renato Ortiz vai dizer que dificilmente a obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* poderia restringir-se ao campo dos estudos em comunicação, uma vez que os diversos temas aí tratados integrariam uma perspectiva mais ampla, mais apropriadamente a da sociologia da cultura (ORTIZ, 1999, p.71).

O que Martín-Barbero denomina de 'mediação' se aproxima em muito do que denominamos muitas vezes de relações sociais e culturais. O processo de produção e difusão de bens culturais industrializados só pode ser entendido quando contraposto às diversas instâncias que compõem a sociedade moderna. (ORTIZ, 1999, p.73)

As críticas concentram-se, como disse de início, na centralidade dada à cultura, na sua prevalência dentro do debate comunicacional. No centro do mapa redesenhado por Martín-Barbero, no prefácio à 2ª. edição brasileira em 2003, aparecem juntas a comunicação, a cultura e a política –

e nessa ordem, como que sugerindo no traçado das relações constitutivas entre cultura e política (explicitadas em sua obra principal) a especialização comunicativa do cultural e do político.

Quando passamos à ideia de mediatização, porém, vamos nos ver frente à centralidade dada novamente às mídias, em configuração bastante longínqua daquela centralidade dos meios enfrentada pelas mediações de Martín-Barbero. Não se trata mais ou apenas de abandonar o midiacentrismo ou “romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 285) O desafio é de outra ordem, o de pensar e compreender esse estágio ou estado de mediatização. O próprio Martín-Barbero (2004, p. 229), ao voltar-se para a demanda de trabalhar as mediações comunicativas justifica: “pois as mídias passaram a constituir um espaço-chave de condensação e interseção da produção e do consumo cultural”.

As razões desta centralidade do midiático são várias. Ao problematizar recepção midiática e espaços públicos, Sousa observa que a comunicação presencial e interpessoal, matriz do processo das relações sociais, ao receber o concurso da técnica e chegar à comunicação coletiva, efetiva um novo modo de compreender a comunicação neste século. “Comunicação e técnica, ou comunicação coletiva mediatizada, passou a ser a centralidade crescente do processo da comunicação na vida social”. (SOUSA, 2006, p. 15)

Outras razões da centralidade da mídia hoje são lembradas por Braga, em 2011, especificamente três sobre as quais havia refletido dez anos antes: (1) porque a presença dos meios audiovisuais viabilizou a percepção histórica do comunicacional como questão diretamente problematizável; (2) porque nas comunicações do nosso tempo, o aparato mediático geral tem importância primordial entre outras interações extra-mediáticas; e (3) porque o mediático interfere e interage profundamente com os espaços não-mediáticos, em função de suas características de inclusividade e penetrabilidade. “É esse conjunto de fatores que nos permite afirmar que vivemos em ‘sociedade de comunicação’ ou ‘sociedade mediática’”. (BRAGA, 2011,

p. 68-70) Ao repassar tal abordagem, Braga vai relativizar o uso enfático do termo *mídia*, que lhe parece levar a equívocos, seja por sublinhar a ideia de *mídia-empresa*, seja a de *mídia-tecnologia*. E opta por *mediatização*.

Adotando a expressão *mediatização*, seremos mais exatos, pois a expressão faz ressaltar os processos comunicacionais envolvidos. [...], podemos entender a *mediatização* como um conjunto complexo de ações *de sociedade* (incluindo aí, é claro, a organização empresarial e o desenvolvimento tecnológico) que crescentemente se estabelecem como *processo interacional de referência*, passando a abranger e direcionar os processos gerais anteriores: os da escrita, que anteriormente (e ainda) se apresenta como processo de referência principal, subsumindo a generalidade de processos; e os da oralidade tradicional. (BRAGA, 2011, p. 69)

Tenho a percepção de que Braga (2001, p. 70) acolhe o conceito de *mediatização* para pensar como enfrentar, epistemologicamente, a disjunção entre *mídia* e interação.

Essa perspectiva, naturalmente, nos leva a propor uma ‘continuidade’ entre os processos comunicacionais de *mediatização* e os processos de comunicação mais distantes do ‘*mediatizado*’. Na sociedade contemporânea, seria difícil fazer um corte nítido entre fenômenos comunicacionais da processualidade *mediatizada* e fenômenos comunicacionais outros, diversamente inscritos no fluxo comunicacional.

Ou seja, nesta junção, ele unifica o *mediatizado* e o *não-mediatizado* (ou os ‘outros’ fenômenos comunicacionais, ‘os mais distantes da *mediatização*’, os sem relação de contiguidade imediata com a *mídia*’) e propõe o conceito de interações. Para investir nesta unificação, Braga, na revisão que faz em 2011, dispensa a sua anterior contraposição entre *mídia* e interação porque, assim dessa maneira, ambas pareceriam objetos temáticos, e essa visada deveria ser superada de modo epistêmico para dar lugar a certos tipos de processos caracterizados por uma perspectiva comunicacional. “Que se busque capturar tais processos e suas características nas

mídias, na atualidade, nos signos, em episódios interacionais – não faz diferença” (BRAGA, 2011, p. 69), desde que resulte na explicitação de fenômenos comunicacionais.

Braga mantém sua recusa em tomar o fenômeno comunicacional como conversação, discordando de Rüdiger, por considerar que conversação leva ao entendimento de uma extensão da conversa presencial e dialógica. Reitera, portanto, sua escolha por uma única ideia, a de interação. Mas, assim como Martín-Barbero, parece sentir necessidade de se deslizar do conceito de interações sociais para o de interações comunicacionais. “Uma maneira (intuitiva e não ‘definidora’) de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata aí dos processos simbólicos e práticos” que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizariam diversas ações e objetivos em que se veem engajados na sociedade e no enfrentamento de injunções do mundo, no “estar em contato”, de modo solidário ou conflitivo. (BRAGA, 2011, p. 66)

Esse modo de ordenação, me parece, tem afinidade com o que propõe Sodré quando problematiza o conceito de mediação para chegar ao conceito de *bios midiático*. Também ele, no mesmo exercício de Braga em identificar qual o objeto da Comunicação, critica os limites epistemológicos impostos pela fixação nas práticas de mídia:

Efetivamente, se olharmos para o campo comunicacional apenas como um mero reflexo das práticas de mídia, sempre orientadas para uma antecipação acelerada do futuro, a cognição daí decorrente não parecerá dispor de qualquer objeto próprio. Por outro lado, é difícil pensar no conceito de ‘um’ objeto para uma disciplina social atravessada pela profunda fragmentação, tanto dos fenômenos que procura conhecer quanto de seu próprio campo teórico. (SODRÉ, 2008, p. 222)

Apesar disso, acredita ser possível sustentar um núcleo objetivável para pensar o fenômeno comunicacional. É a partir daí que levanta a ques-

tão da midiatização. Começa por tratar do alcance do termo midiatização em sua diferença de mediação.

Com efeito, toda e qualquer cultura implica mediações simbólicas, que são linguagem, trabalho, leis, artes, etc. [...]. Para se inscrever na ordem social, a mediação precisa de bases materiais, que se consubstanciam em instituições ou formas reguladoras de relacionamento em sociedade. As variadas formas da linguagem e as muitas instituições mediadoras (família, escola, sindicato, partido, etc.) investem-se de valores [...]. Valores e normas institucionalizados legitimam e outorgam sentido social às mediações. [...]

Já a midiatização é uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de ‘tecnointeração’ – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. (SODRÉ, 2008, p. 21)

Na contemporaneidade, é essa “mediação social tecnologicamente exacerbada” que, para Sodré (2008, p. 24), define-se como midiatização, processo com relativa autonomia em face das formas interativas presentes nas mediações tradicionais. Porém, observo ocorrer no pensamento de Sodré também um tipo de deslizamento ou migração, da midiatização para o *bios midiático*. Ao procurar a possibilidade do fio condutor de sentido para o campo comunicacional, Sodré sugere como núcleo objetivável a vinculação entre o eu e o outro, a apreensão do ser-em-comum (individual ou coletivo), seja sob a forma da luta social por hegemonia política e econômica, seja sob a forma do empenho ético de reequilíbrio das tensões comunitárias. A luta social, indica ele, deve ser entendida no nível relacional ou da veiculação e as tensões comunitárias no nível da vinculação. O da veiculação/relacional trata das antropotécnicas ou práticas de natureza empresarial (privada ou estatatal) voltadas para o contato entre sujeitos

sociais por meio de tecnologias informacionais como imprensa escrita, rádio, televisão, publicidade etc., sendo societal a natureza dos dispositivos da mídia. Quer dizer, a retórica neste caso seria eletronicamente materializada e ampliada pelos dispositivos tecnológicos de comunicação. Aqui a ideia de midiatização. A vinculação, por sua vez, se define como condição originária do ser, lugar social da interação intersubjetiva, “práticas estratégicas de promoção ou manutenção do vínculo social, empreendidas por ações comunitaristas ou coletivas”, pautando-se por modos diversos de reciprocidade comunicacional (afetiva e dialógica) entre os indivíduos, e, portanto, de natureza sociável. (SODRÉ, 2008, p. 234)

O conceito de *bios midiático* na proposição de Sodré, tal como ocorre no de mediações em Martín-Barbero, se mostra em constante movimento.

O campo da mídia – linear (tradicional) e reticular (novíssima) – incide sobre um outro modo de sistematiza o social, sobre um outro *eidos* (substância primeira, essência), que   a realidade simulada, vicária ou ainda virtual. O território da mídia   um quarto *bios* existencial, o *bios* midiático. (SODRÉ, 2008, p. 234)

[...] as práticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de a o social correspondente a uma nova forma de vida, que propomos chamar de *bios midiático*. Essas práticas – uma espécie de antropot cnica eticista – não esgotam nem sistematizam o problema da vincula o, uma vez que dizem mais respeito propriamente   rela o socialmente gerida pelos dispositivos midiáticos e, portanto, do mercado. (SODRÉ, 2008, p. 233)

Mais adiante, o *bios midiático*   a resultante da evolu o dos meios e de sua progressiva interse o com formas de vida tradicionais. (SODRÉ, 2008, p. 238)

Se há tal interse o entre (a) a clássica comunica o mediada, (b) as “formas de vida tradicionais” e (c) os novos modos de comunica o virtual, pergunto se *bios midiático* não seria a chave epist mica para apreendermos o objeto da Comunica o e compreendermos a especificidade do

fenômeno comunicacional frente aos demais campos de conhecimento – entendendo essas “formas de vida tradicionais” como elemento forte tanto na teoria das mediações, como na de interação comunicacional e, claro, na de vinculação. Percebo no conceito de *bios midiático* a potencialidade de integralização da diversidade das manifestações, concretas e abstratas, do processo comunicacional. A mesma vontade de unicidade, e sem receio de dizer, de totalidade que podemos entrever no conceito reformulado de mediações de Martín-Barbero e no conceito revisitado de interação posto por Braga.

Há mais complexidade aí do que quando tentamos inicialmente enfrentar o que enxergávamos (e ainda enxergamos muitas vezes) como fragmentação e polaridade: comunicação social e comunicação humana; de massa e interpessoal, mediado tecnologicamente e não mediado pela tecnologia; vertente de natureza midiológica, que sistematiza teorias e metodologias relativas a fenômenos de comunicação de massa e suas inter-relações com os da comunicação interpessoal ou grupal e vertente de natureza midiática, que acumula “evidências sobre processos de produção, difusão, recepção e retroalimentação de mensagens mediadas por tecnologias de largo alcance ou de porte industrial” (MELO, 2003, p. 113-114); processo comunicativo (aquele que põe em comum as diferenças por meio do discurso, com ou sem o auxílio da retórica) e processo comunicacional (o que interpreta os fenômenos constituídos pela ampliação tecnológica da retórica, isto é, pela mídia, na sociedade contemporânea) (SODRÉ, 2007, p. 18); ou ainda midiatização (processos técnicos de controle e produção de bens simbólicos) e mediações (processos de produção de sentido). (MALDONADO, 2003, 212)

Insisto, contudo, que em termos conceituais, a ideia de que estamos todos em um *bios midiático* não está distante do que Martín-Barbero disse anteriormente: “Pode-se continuar falando «das mediações dos meios», mas «mediação» para mim sempre foi outra coisa que tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo”. (MAR-

TÍN-BARBERO, 2009a, p. 151) Tais dimensões simbólicas da construção do coletivo, sabemos, se dão tanto pelas tecnologias da informação, na veiculação, como na reciprocidade da vinculação, do contato – seja pela abordagem ideológica ou pela da cultura. Essa foi a saída encontrada por Martín-Barbero (1990) para fugir das armadilhas do comunicacionismo (tendência a ontologizar a comunicação), do mediacentrismo (identificação da comunicação apenas com os meios ou as instituições) e do marginalismo alternativista (crença na comunicação autêntica, fora da contaminação tecnológica). Um caminho, eu diria, menos para fugir e mais para tentar certa conciliação entre as potencialidades que esses riscos trazem à tarefa de pensar o campo comunicacional.

Bios midiático também tem proximidade com o argumento de Braga sobre a midiatização como “processo interacional de referência”; que o autor considera como hegemônico nos dias de hoje, frente aos ‘moldes interacionais anteriores’, como a oralidade e a escrita. Quando tensiona o conceito midiatização, ele o faz porque considera que ele expressa não só os processos segundos “os quais ‘as mídias funcionam’, mas também pelos quais a sociedade contemporânea historicamente aciona suas interações”. (BRAGA, 2011, p. 68) Isso aproxima ainda mais as propostas de Braga e Sodré e Martín-Barbero. Sodré, no resumo de apresentação de um capítulo, explicita, com até mais clareza do que no próprio texto, essa noção de unicidade que identifico no conceito de *bios midiático*. Ele fala de “uma teoria do processo constitutivo do *bios midiático* ou realidade virtual e seu relacionamento com as formas tradicionais de vinculação social. (SODRÉ, 2008, p. 221) Não percebo como totalmente outra a proposta do mapa de Martín-Barbero, em que situa os eixos matrizes culturais, formatos industriais, lógicas de produção e competências de recepção e faz relacionar entre eles as etapas da institucionalidade, tecnicidade, ritualidade e socialidade. Martín-Barbero (2009a e 2009b) continua dinamizando seu mapa com outras novas mediações, como migrações, fluxos de imagem e identidades, deixando ainda mais visíveis, para mim, as aproximações

entre as integralidades de seus modelos e as propostas de Sodré e Braga. O próprio Martín-Barbero considera na fundamentação de seu novo mapa de mediações a afinidade entre seu conceito de entorno tecnocomunicativo e o conceito de *bios midiático* (2009a). Ao final, aí temos, juntas, as vinculações e veiculações. Aí também as interações sociais comunicacionais.

Penso que se o conceito de *bios midiático* de Sodré puder ser apropriado não apenas como mediação, mas como a integralidade do campo comunicacional – veiculação (societal) + vinculação (sociável), poderíamos também superar outros impasses epistêmicos. Um deles, a impressão de linearidade (de flecha temporal) implícita na proposição de Braga quanto à mediação como processo interacional de referência. Este processo, como o hegemônico na contemporaneidade, nos leva a pensar em anterioridades, em processos interacionais outros que, como “moldes interacionais anteriores”, sobrevivem apenas circunscritos a “espaços restritos”. A completude, que Braga não vê ainda na mediação como interação de referência, e parece por ela esperar, talvez não se dê porque, epistemologicamente falando, ela estará em outro lugar, extrapolando a mediação.

O conceito de *bios midiático* possibilitaria ainda escapar do entendimento de que “a interação se manifesta claramente como fluxo sempre adiante” (BRAGA, 2011, p. 68), no intuito de reforçar a ideia de circularidade, o que Braga mesmo apontou ali: “Na verdade, a circulação é constante”. Penso no jornalismo, área de estudos em que atuo e na qual trabalhei como repórter por muitos anos. E observando todo o processo (fontes, empresa, técnicas e tecnologias, repórteres, editores, anunciantes, assessoria de imprensa, concorrentes, público receptor) vejo com nitidez no “fluxo comunicacional de circulação adiante”, sugerido por Braga, o movimento da circularidade dinâmica do *bios midiático*.

Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções mediadas – carta, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. [...] Uma parte de tais encaminhamentos certamente

voltará, transformada, às origens onde foi emitida a mensagem – tomada como ‘inicial’ apenas para efeito de raciocínio. (BRAGA, 2011, p. 68)

Também pelo jornalismo, quando relembro os vínculos e interações presenciais dos repórteres com as fontes e as testemunhas dos acontecimentos noticiosos (no contexto da lógica de produção midiática, portanto), me dou conta de que o conceito reformulado de *bios midiático* oferece ao mapa das mediações de Martín-Barbero a condição necessária para considerar também dentro das lógicas de produção as competências, as ritualidades, as sociabilidades.

Bios midiático, pela própria ideia de ambiente (no que contém de trocas entre vida e tecnologia) pode como noção ser operacionalizado de maneira mais circular, sem antes, nem depois, sem superior ou subterrâneo, sem estancar eixos em sentidos direcionais e em pares específicos. Permite movimentar tudo isso a partir de qualquer ponto em que nos coloquemos para investigar o processo comunicacional. Pode compor um chão epistêmico integral, que, apesar das bem-vindas e fundamentais flutuações, nos auxilie a fazer pesquisa no campo comunicacional nos acalmando da angústia contínua da fragmentação e do imperativo das dualidades. Ou, do lado oposto, nos livrando do desespero e obrigação da busca por investigações globalizantes a todo tempo e custo em cada investigação pontual. Quero dizer, nos daria o conforto da inserção numa integralidade e, por isso mesmo, a tranquilidade para trabalhar livremente as especialidades, como ocorre em outros campos de conhecimento; todas as especialidades que demandam nossas múltiplas e diversas atenções.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Marco Toledo de Assis. Do sentido da mediação: as margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. Revista *Famecos*, Porto Alegre, v. 1, n. 35, abr. 2008.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. *Verso e Reverso*. Revista da Unisinos, São Leopoldo, RS. v. 25, n. 58, jan./abr. 2011.

- BRAGA, José Luiz. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Silvia Lopez Davi; ARAÚJO, Denise Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- MALDONADO, A. Efendy. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (Org). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Martín-Barbero, Canclini e Orozco. Os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana. Revista *Famecos*, Porto Alegre, v. 1, n. 35, abr. 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. De los medios a las practicas. Comunciación de las praticas sociales. *Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales*. México D.F., México, n. 1, 1990.
- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- _____. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *MATRIZES* Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 2, n. 2, jan./jun. 2009a.
- _____. As formas mestiças da mídia. Entrevistador: Mariluce Moura. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 163, set. 2009b.
- MELO, José Marques de. Midiologia brasileira: o resgate das fontes paradigmáticas. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (Org). *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Recepción televisiva: tres aproximaciones y uma razón para su estudio. *Cuadernos de Comunicación y Practicas Sociales*. México D.F., México, n. 2, 1991.
- ORTIZ, Renato. O caminho das mediações. In: MELO, José Marques de; DIAS, Paulo da Rocha. (Org.). *Comunicação, cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero*. São Bernardo Campo, SP: Umesp, Cádetra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.
- SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: WILTON, Mauro. *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SODRÉ, Muniz. Sobre a *episteme* comunicacional. *MATRIZES* Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007.

SOUSA, Mauro Wilton. A recepção sendo reinterpretada. In: WILTON, Mauro. *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*. São Paulo: Paulinas, 2006.